

O ACENTO NA LÍNGUA KAMAIURÁ

Nayara da Silva CAMARGO¹

RESUMO: O presente artigo sintetiza uma pesquisa que terá como objeto de estudo a língua indígena Kamaiurá, família Tupi-Guarani, a qual é falada pelo povo Kamaiurá, habitantes das margens do rio Ypawu, no Estado do Mato Grosso. Atualmente, a população Kamaiurá é constituída de quatrocentos e cinquenta indivíduos, distribuídos em duas aldeias. O trabalho tem como meta contribuir para o melhor entendimento da língua Kamaiurá, no que diz respeito à posição do acento na língua dentro de uma análise morfofonêmica a partir de uma abordagem não-linear.

ABSTRACT: The present article summarizes a research that intends to analyze the indigenous language Kamaiurá, Tupi-Guarani family, spoken by the Kamaiurá people, who live by the riverside of Ypawu river, in Mato Grosso. Recently, the Kamaiurá population is constituted by four hundred and fifty people, who live in two villages. This study aims to give contribution to a better comprehension of the Kamaiurá language in what concerns to the stress position, according to morphophonemic analysis based on a non-linear approach.

1. A LÍNGUA KAMAIURÁ

De acordo com Seki (2000) a língua kamaiurá faz parte da família tupi-guarani, do tronco tupi. As línguas desta família estão situadas no Peru, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Guiana Francesa, norte da Argentina e Paraguai (Seki, *apud* RODRIGUES, 1986).

2. ESTUDOS E PERSPECTIVA DA LÍNGUA

Segundo Seki (2000), os primeiros informes sobre a língua kamaiurá são listas de vocábulos realizadas por etnólogos alemães Steinen (1940) e Schmidt (1942). Outras listas de palavras são encontradas em Carvalho et ali. (1949), Oberg (1953) e Galvão (1953), estes dois últimos são listas de parentesco. Estudos realizados por lingüistas somente a partir de 1960, trabalho referentes à fonologia segmental da língua (Seki, 2000). Na literatura encontramos também dois questionários preenchidos para o kamaiurá, estes questionários são formulários de vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. Um formulário foi preenchido por Collins (1962) e o outro foi produzido por Harrison (1964). Este último lingüista, com o trabalho denominado “A forma lingüística de uma teoria folclórica dos Kamaiurá”, elaborou um texto com 28 sentenças segmentadas em morfemas da língua.

Após estes estudos e as coletas palavras, temos os trabalhos de Seki que datam desde 1969, nos quais a autora divulgou seus primeiros resultados de uma investigação feita em campo junto aos kamaiurá. Um trabalho posterior foi realizado em 1973, no

¹ Aluna de Mestrado em Lingüística na área de Línguas Indígenas do Instituto de Liguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL – UNICAMP). E-mail : nayssofia@yahoo.com.br

qual ela tenta caracterizar o kamaiurá como uma língua de estrutura ativa (Seki, 1976). Após os primeiros trabalhos de Seki, surgiram os trabalhos de Saelzer (1976), no qual é apresentada uma análise fonêmica segmental da língua, o trabalho de Silva (1981) e, em 2000 temos a “Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu”, trabalho realizado por Seki que inclui uma análise fonológica segmental, onde a autora já encontrava alguns fatos na língua que necessitasse de um estudo mais aprofundado, e por este motivo a Gramática Kamaiurá será uma das bases de pesquisa para análise deste trabalho.

3. ESTUDOS A SEREM REALIZADOS

A fonologia² do kamaiurá é apresentada por Seki (2000) em uma metodologia estruturalista. A autora identificou na língua um sistema fonológico constituído de quatorze consoantes e doze vogais.

Para um estudo morfofonêmico é necessário o conhecimento da fonologia da língua kamaiurá e da sua estrutura morfológica, **já que a morfofonologia baseia-se na variação do som de um morfema na presença de outro morfema** (BURQUEST, 1998). Para tanto, tomamos como ponto de partida para esta pesquisa algumas regras de realizações fonológicas e do funcionamento gramatical da língua.

Os fonemas consonantais são divididos em dois sistemas: as consoantes não sonoras e as consoantes sonoras. As não sonoras podem ser descritas pelos traços e modo de articulação os quais são: oclusivas, africadas e fricativas e ponto de articulação: bilabial, dental, alveolar, palatal, velares e glotais, as oclusivas se opõem quanto ao ponto de articulação: bilabial /p/, dental /t/, velares /k/, /kw/ e glotal /ʔ/, existe uma africada alveolar /ts/ e duas fricativas glotais /h/ e /hw/. As sonoras descrevem-se pelos traços de nasalidade (nasais e não nasais), modo de articulação (oclusivas, contínuas e vibrantes) e ponto de articulação (bilabial, dental, alveolar, palatal e velar). De acordo com a descrição realizada por Seki, nas consoantes sonoras existem três oclusivas nasais, duas contínuas e um vibrante (*tap*). As nasais contrastam em ponto de articulação: bilabial /m/, dental /n/ e velar /ŋ/. Distinguem-se também, pelo ponto de articulação, as semiconsoantes bilabiais /w/ e a palatal /j/. A autora afirma que, uma particularidade do Kamaiurá é a ausência de oclusivas vozeadas. De acordo com ela, as oclusivas surdas e as nasais bilabiais, dentais e velares entram em correlação quanto ao traço de nasalidade: /p/:/m/, /t/:/n/, /k/:/ŋ/. (Seki, 2000).

Como foi dito anteriormente, existem 12 vogais na língua Kamaiurá, das quais seis são não-nasais e seis são nasais. Os fonemas vocálicos descrevem-se a partir dos traços de nasalidade (orais – nasais) posição (anterior – não-anterior), altura (alta – baixa) e arredondada (arredondada – não-arredondada). As vogais presentes na língua são: /a/, /ã/, /e/, /ẽ/, /i/, /ĩ/, /y/³, /ỹ/, /o/, /õ/, /u/, /ũ/. (Seki, 2000).

² A sistematização da fonologia da língua kamaiurá realizado por Seki (2000) foi extraído, basicamente, de Seki (1973).

³ A vogal central alta do Alfabeto Fonético Internacional – IPA será representada neste texto pela letra ‘y’ e a vogal nasal central alta será representada por ‘ỹ’.

Por ser uma língua aglutinante o Kamaiurá detém alguns casos morfofonológicos que terão atenção particular nesta pesquisa. Para que este estudo possa ser realizado de maneira mais minuciosa teremos com base a Teorias Não-Lineares.

Atualmente existem varias teorias fonológicas que pretendem explicitar a relação entre as realizações fonéticas e o nível abstrato da fonologia, bem como as relações entre esta e os demais componentes gramaticais. De acordo com essas teorias suas unidades básicas de representação não seria mais os fonemas e sim os traços que os distinguem entre si e os caracteriza. Desde então, os segmentos são descritos e analisados enquanto combinações lineares ou conjunto de traços distintivos em forma de matrizes, isto é, conjunto de feixes organizados desses traços Chomsky & Halle (1968).

Após estas observações, foi observado por Goldsmith (1976), que alguns traços têm, individualmente, seu próprio nível ou camada de “segmentalização”, que o número de autossegmentos pode não corresponder com o número de fonemas presentes em determinadas seqüências; e que também os autossegmentos estão ligados as suas unidades segmentais por meio de linhas de associação que devem obedecer à condição mínima de boa formação, isto é, ao não cruzamento dessas linhas. Deste modo, a partir das observações de Goldsmith citadas acima, surgiram, em oposição à Fonologia Gerativa Padrão, “sub-teorias”, como por exemplo: Fonologia Métrica (Lieberman & Prince, 1977; Hayes, 1983, 1995; Halle & Vergnaud, 1987), a Fonologia Prosódica (Selkirk, 1980; Nespor & Voegel, 1986) e a Fonologia Lexical (Mohan, 1986; Pulleyblank, 1986). Estas teorias proporcionaram um formalismo da sílaba para a manipulação de fenômenos prosódicos como altura, duração e acento. Elas permitiram também a observação da interação entre a morfologia e a fonologia. As subteorias citadas, as quais vieram oferecer um instrumento de estudo mais detalhado dos traços fonológicos, são consideradas, dentro de um quadro formal, uma teoria integrada denominada *Fonologia Não-Linear ou Autossegmental*.

A geometria de traços Clements (1985) e Clements & Hume (1995) surgiu a partir do momento em que se necessitou da formalização do fato da unidade funcional, ou seja, dos grupos de traços geométricos expressos como nós de classe (“class nodes”) exibir um comportamento fonológico análogo aos dos traços. Foi então que desenvolveram uma representação arbórea desses segmentos.

A fonologia não-linear apresenta um modelo em que a fonologia de uma língua é representada em uma organização onde os traços característicos dos fonemas estão dispostos hierarquicamente em diferentes níveis ou fileiras de camadas, podendo estender-se aquém ou além de um segmento, ou ligar-se a mais de uma unidade, bem como funcionar isoladamente ou em conjuntos isolados.

Considerando a complexidade fonológica presente na língua Kamaiurá, se vê a necessidade de se trabalhar com uma teoria Autossegmental para que as estruturas silábicas da língua sejam estudadas e analisadas mais detalhadamente.

Segundo Kenstowicz (1993), a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, denominado *Onset*, por outro obrigatório que é denominado *Rima*, que por sua vez se subdivide em um *Núcleo*, também obrigatório, e uma *Coda*, sendo esta, opcional. Nesta teoria também é estabelecido que os constituintes da sílaba não estão diretamente ligados a melodia segmental, ou seja, existe entre eles uma camada denominada *esqueleto*, constituída por posição X's (ou unidades de tempo). E,

por fim, os segmentos ligados às posições X's estruturam-se em termos de traços, conforme foi estabelecido pelos autores Clements & Hume (1995).

Segundo Seki, existem quatro tipos silábicos no Kamaiurá, que são: V (Exemplos: /i.a/ 'saúva'; /pɪ.ka.u/ 'pombo'; /a.ma.na.ũ/ 'granizo'), CV (Exemplos: /ko/ 'onça'; /i.kõ/ 'língua dele'; /he.tã/ 'são muitos'), VC (Exemplos: /ɬ.at/ 'canoa'; /mo.aŋ/ 'remédio'; /ta.pɪ.ĩ/ 'rancho dos homens') e CVC (Exemplos: a.man/ 'chuva'; /mo.kõj/ 'dois').

Assim podemos afirmar que na língua kamaiurá existem sílabas compostas por *Núcleo* apenas (V); por *Onset* e *Núcleo* (CV); por *Núcleo* e *Códa* (VC) e por *Onset*, *Núcleo* e *Coda* (CVC).

Como já afirmamos anteriormente, a pesquisa tem como ponto específico realizar um estudo que diz respeito à posição do acento que produzem algumas ocorrências de mudanças morfofonêmicas presentes na língua Kamaiurá, os quais não foram analisados com uma especificidade necessária. Algumas análises realizadas em Seki (2000) sobre a ocorrência do acento na língua evidenciam que: foneticamente, o acento em Kamaiurá combina altura e intensidade, ele não é contrastivo e recai sempre na última sílaba de formas livres com duas ou mais sílabas (Seki, 2000). Em relação às formas presas, prefixos e proclíticos o acento é átono, porém existem sufixos tônicos como {-ite} 'negação de predicado' e sufixos átonos como {-a} 'caso nuclear' (Seki, 2000). Já o acento secundário tende a recair em sílabas alternadas à esquerda daquela com o acento principal, produzindo um ritmo de *staccto* na enunciação. A autora apresenta alguns dados em relação a estes acontecimentos: /jaɪ/ [ʔa.'i] 'lua'; /tata/ [ta.'ta] 'fogo'; /jattata'i/ [ʔaɪ.ta.ta.'i] 'estrela'. Na língua o acento, em palavras isoladas cai e pode se deslocar para certos sufixos e partículas (Seki, 2000). Uma das hipóteses levantadas por Seki⁴ é que esta alternância na posição do acento na língua Kamaiurá deve-se ao ritmo e outros aspectos supra-segmentais.

4. OBJETIVOS

O estudo a ser realizado tem como escopo contribuir para um melhor conhecimento da língua kamaiurá especificamente e, em geral à família Tupi-Guarani. Além de permitirem um melhor entendimento da utilização do acento nas palavras e sentenças dentro de uma análise morfofonêmica da língua Kamaiurá, para que possa facilitar o reconhecimento e o entendimento de partículas, clíticos e afixos dentro de sentenças e de textos. Um estudo neste nível também vem com intuito de fortalecer a descrição da língua e auxiliar na construção de dicionários da mesma.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa insere-se na área de descrição de línguas indígenas. Nesse aspecto, apresentamos a metodologia a ser seguida na escolha do modelo teórico para a análise e interpretação dos dados coletados e no trabalho de campo a ser realizado.

5.1. Metodologia Teórica

Serão utilizados dados já publicados de Seki, os quais serão analisados através da Fonologia não-linear, esta análise contará também com auxílio de programas computacionais, tais como *Praat* e *Audacity*. Os quais nos permitem obter uma certeza dos sons descritos naquele momento.

5.2. Trabalho de Campo

A metodologia para pesquisa de campo inicia com aquela utilizada nos trabalhos de descrição lingüística: a pesquisa de campo, que inclui viagens ao local onde a língua é falada, momento em que se realiza a coleta de dados, base para o trabalho; (ii) a análise do material obtido nessa coleta; (iii) análise dos dados em programas computacionais com *Transcriber*, *Praat*, *Audacity*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CLEMENTS G.; HUME, E. V. (1995). "The internal organization of speech sounds", in: GOLDSMITH, John (org.), *The Handbook of Phonological Theory*. Londres: Basil Blackwell, pp. 245-306.
- GOLDSMITH, J. (1990). *Autosegmental and metrical phonology*. Londres: Basil Blackwell.
- _____. (1995). *The handbook of phonological theory*. Londres: Basil Blackwell.
- GUSSENHOVEN, C.; JACOBS, H. (1998). *Understanding phonology*. Londres: Arnold.
- HAJEK, J. (1997). *Universals of sound change in nasalization*. Oxford: Blackwell Publishers.
- HAYES, B. (1995). *Metrical stress theory (Principles and case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press.
- KENSTOWICZ, Michael (1994). *Phonology in generative grammar*. Londres: Basil Blackwell.
- PIKE, K. (1943). *Phonetics*. Michigan: University of Michigan Press.
- _____. (1947). *Phonemics: a technique for reducing language to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- SEKI, L. (2000). *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SILVA, R.G.P. (2004). "Aspectos fonológicos da língua Sateré-Mawé", in: *52º Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP.
- WETZELS, L. (org.) (1995). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ.